



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## Prefácio

Teófilo Marcelo de Arêa Leão Júnior

**Como citar:** LEÃO JUNIOR, T. M. A. Prefácio. *In:* SALATINI, R.; DIAS, L. F. (org.). **Reflexões Sobre a Paz Vol. II paz e tolerância**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 7-10.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-987-0.p7-10>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## PREFÁCIO

Ao ser convidado para prefaciá-lo livro *Reflexões sobre a paz, vol. II*, além de sentir-me feliz por haver sido lembrado, pude aquiescer por me afinar com a temática e ser dotado de recursos para contribuir para maior visibilidade ao texto, objeto de minhas pesquisas. O livro, coordenado pelos ilustres colegas e doutores Rafael Salatini e Laércio Fidelis Dias, apresenta qualidades que me é dado indicar.

Para mim, foi ao mesmo tempo desafio e honra. Logo no início, a indagação a que fui conduzido a formular chegou-me com muita perplexidade diante de se me afigurar impossível aos autores dar cabo da missão por serem profissionais de diferentes campos do conhecimento e também em face do escopo de acicatar o leitor a refletir em redor da plataforma básica para o giro dos pensamentos: a *paz*.

No entanto, chegaram ao resultado esperado, em obediência àquilo que se propuseram, não só porque são *experts* em suas respectivas áreas, mas principalmente pelo fato de as reflexões deles contarem com doutrinadores consagrados e muito bem escolhidos para aquilo que se propuseram abordar, apontado rumos que entenderam adequados, os quais trouxeram conhecimentos e, amiúde, sensibilizam com boas emoções e, ainda – não deixo sem menção –, com visível altruísmo.

Bem por isso meus efusivos cumprimentos aos coordenadores e aos diversos autores.

<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-987-0.p7-10>

Ao sobrevoar panoramicamente a obra, vejo que se defende, na comédia de Aristófanes, ser a paz pressuposto necessário do gozo alcoólico, gastronômico e da sexualidade humana. Já no subtítulo, convida-se à leitura, e por ser vedado ao prefaciador revelar tudo da cativante leitura que fez, ao menos tem a dizer que é instigante a tentativa de desvendar se a autora logrou êxito em resgatar o teatro ático em sua essência atual, e o quanto de ilação se pode extrair de Aristófanes, que escreveu sua obra cômica durante a guerra do Peloponeso, em se comparando hoje o que ele extraiu e deve ter sentido naquela época com os fatos e emoções das guerras atuais, tais como aquilo que se verificou nas duas últimas dadas como “*grandes*”, com o fito de se extrapolar na extensão e profundidade de perdas humanas, patrimoniais e de saúde física, mental e espiritual, ante sua constatação, não obstante óbvia, de evidente dramaticidade: “o contexto belicoso interrompe a vida”.

Também será edificante ao leitor consciente e dotado de luz própria, comparar o embate de suas próprias representações, ideias e sentimentos sobre o que é, como é ou como deve ser a *tolerância*, em face das reflexões sobre a tolerância defendidas por Ramon Llull (1232-1316), talvez o filósofo da tolerância na Idade Média – *O Livro do Tártaro* e *O Cristão* – e as do próprio autor do artigo; bem assim quanto aos conflitos religiosos nas sociedades democráticas, direitos humanos e a tolerância como condutora à paz social, tema bem cuidado pelo labor de dois autores. Também sobre a antropologia e usos devidos e indevidos do relativismo cultural e da tolerância; ainda no que diz respeito à tolerância sob o viés da pessoa com deficiência, e quanto às batalhas da guerra cultural.

Trata-se, caro leitor, de proposta sedutora em que poder-se-á passear pelas impressões e observações de pessoas altamente qualificadas, quanto as quais ainda certamente voltarei para novas e mais profundas abluções e imersões, a fim de desfrutar nos detalhes de tantas outras sensações emotivas e culturais.

Não para nisso meu deslumbre, já que pude contar, como o leitor também contará, com pesquisas para a paz e o ativismo da cultura da paz, cujo anseio por esse significativo bem abstrato foi abordado na história da humanidade por narrativas de cunho religioso, surgindo então o termo “pacifismo”, usado pela primeira vez como palavra para designar

aqueles que perseguiram um conjunto de ideias ao redor da busca pela paz no *Congresso Universal da Paz*, em 1889, em Paris, com pontos de vista apaixonantes e excelentemente defendidos pela autora, os quais ensejam as condições ideais ao equilíbrio, à manutenção, ao aprimoramento e ao progresso da coletividade. Tem-se em Galtung a possibilidade de duas condições conjunturais de mundo: “guerra geral e completa”, que presume o resgate do estado de natureza hobbesiano, e “paz geral e completa”, que faz alusão a plena integração da sociedade. Mas a solução, para si e quiçá utilização para aquilo que lhe agrada, há de ser encontrada pessoalmente pelo leitor.

A leitura da obra provocou em mim algumas intuições para serem utilizadas em debates com alunos, professores e pesquisadores interessados, no *Grupo de Pesquisa de Direitos Fundamentais Sociais*, cadastrado no CNPq, no qual lidero no Univem, juntamente o Dr. Roberto da Freiria Estevão, as quais passo a mencionar:

1. O que o Curso de Direito do Univem ou de outra IES pode fazer para ajudar a Educação para a Paz da Organização das Nações Unidas para a Ciência, Cultura e Educação (UNESCO)?
2. Admitindo-se como verdadeira a hipótese de que pouco pode ser alcançado a partir de uma perspectiva teórica, quais as mudanças práticas profundas, sem o uso da violência, a fim de incrementar a proposta para consolidar um novo processo em busca da paz?
3. Podem ser criadas ou incrementadas ferramentas com o escopo de diminuir a desigualdade e disparidades de oportunidades oferecidas para incentivar a busca da paz?
4. Quais as causas e possíveis soluções para a crise da paz na sociedade contemporânea?
5. Será viável um projeto de paz para o século XXI que leve em conta as aspirações das grandes nações ao redor do mundo?
6. O que se impõe para a democratização, e em que proporções, para a construção da paz em face dos organismos multilaterais?

7. Diante da perspectiva de Thomas S. Kuhn, segundo a qual, nas revoluções, despontam elementos de ruptura, de quebra com a tradição, qual é a utilidade dos complementos de desintegração diante do que até então aparecera como de tradição inabalável?
8. Quais as virtudes e defeitos do modelo de paradigma da paz que tem em vista a integração espiritual-poético e política presente nas obras de pensadores como Santo Agostinho e Tomás de Aquino?
9. É viável e sem contradições internas o modelo de paradigma da paz que mira para a paz perpétua, o qual foi desenvolvido por Immanuel Kant no século XVIII?
10. Para discussões ou diálogos referentes a divergências e incongruências possíveis de pontos e contrapontos, questionar-se-á aquilo que se possa afigurar liberal ou despótico e racionalmente aceitável, com opção de invocar-se ou não a misericórdia, ou se, por ser dogma de fé estabelecido, deva ser peremptoriamente vedada qualquer discussão do Credo de Atanásio, na medida em que busca concitar o cristão à crença e impõe-lhe deveres de obediência integral, com veneração a um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, e considera uma a Pessoa do Pai, outra a do Filho, e outra a do Espírito Santo, sob pena de o desobediente perecer por toda a Eternidade.

Enfim, congratulo tanto com os coordenadores como com os autores pelo desempenho e modo edificante em que todos se dedicaram ao profícuo projeto científico, quanto ao qual enxergo a probabilidade de vir a ter boa aceitação dentro e fora do mundo acadêmico.

*Prof. Teófilo Marcelo de Arêa Leão Júnior*